

A experiência da pobreza em “Vidas Secas” e no “Auto da Compadecida”

Heurisgleides Sousa Teixeira
Universidade do Estado da Bahia
Universidade Estadual de Campinas

Hélio Alexandre da Silva
Universidade Estadual Paulista

Este trabalho surge de uma constatação acerca de como, num ambiente social profundamente marcado pela desigualdade e pela pobreza, há uma tendência a lidar de modo diverso com aquilo que é fonte de opressão. Em outras palavras, isso significa que os instrumentos de poder legitimados pelos papéis sociais que cada um ocupa (por exemplo: o padre; o bispo; o pequeno proprietário de terra; o soldado, o comerciante, etc) produzem um tipo de coerção social que, embora forte e amplamente respeitado, é incapaz de submeter por completo, sem resto, todos os indivíduos, mesmo os mais pobres. Isso nos permite destacar que a imersão profunda na experiência dramática da pobreza não implica na necessária neutralização da imaginação e da resistência à opressão, mas o contrário, pode fomentá-la.

Nesta análise utilizamos dois textos literários, os quais, muito embora ficções, nos ajudam a esclarecer a questão que nos colocamos – *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Auto da Compadecida* (1956), de Ariano Suassuna. Com isso, concordamos com M. Löwy (2005), para quem a literatura ajuda a iluminar muitas questões sobre as quais as ciências sociais se debruçam. Vale destacar ainda que um dos nossos objetos de análise tem base numa remota tradição¹, cuja origem não se sabe ao certo, o que nos permite insistir na ideia de que a experiência da pobreza, seja qual for o contexto cultural e temporal dentro do qual ela subsiste, jamais é absoluta o suficiente para apagar os potenciais de imaginação e resistência à dominação e à submissão, por mais brutais que elas sejam. Nesse sentido, as duas obras que analisaremos, e que têm como pano de fundo a pobreza gerada pela profunda desigualdade social brasileira, podem ser pensadas como um promissor ponto de partida capaz de ilustrar essa nossa hipótese.

1 De acordo com Francisco Topa (1995), existem versões de histórias tendo João Grilo por protagonista em diversas línguas, até mesmo em latim, o que indica uma personagem de fato muito mais antiga do que aparece na literatura popular de Portugal e no cordel brasileiro.

Os dois textos escolhidos, embora escritos em épocas diferentes, configuram um ambiente social bastante similar em que é possível refletir sobre o modo como os pobres lidam com a hierarquia imposta por aqueles que detêm o poder econômico, político e mesmo religioso. Trata-se de Fabiano, personagem de *Vidas secas*, e de João Grilo, personagem da peça *Auto da Compadecida*. São ambos pobres, menosprezados socialmente, tratados como vagabundos, ainda que trabalhem; vivem em ambientes mais ou menos similares, um rural e o outro numa pequena vila, ambos no nordeste do país.

João Grilo é a figura central da história no *Auto*. Na situação apresentada, em uma pequena vila de nome Taperoá, ele e seu amigo Chicó são funcionários da padaria. A história começa com a cachorra do padeiro doente e, estando prestes a morrer, quer a mulher do padeiro que o padre abençoe o animal, a fim de salvar-lhe a vida. Cabe a João Grilo a tarefa de convencer o padre a dar a bênção. Como se trata de um pedido nada convencional, João Grilo se utilizará daquilo que é sua grande arma para convencer o padre: a imaginação e a mentira.

Em *Vidas secas*, como se sabe, Fabiano compõe, junto com sinha Vitória, dois filhos e a cachorra Baleia, uma família de retirantes que, ao encontrar uma fazenda abandonada, ocupa a casa destinada ao vaqueiro e lá permanece até que o dono das terras retorna, após o longo período de estiagem. No primeiro momento, o homem o expulsa, mas Fabiano faz-se desentendido, oferece seus serviços, já começados antes mesmo daquele que seria seu patrão chegar. A seca contorna o romance pelas margens. No primeiro capítulo, vemos seu fim, no último, sua chegada, fechando um ciclo. Assim, é no intervalo desse ciclo, levando uma vida precária, mas temporariamente estável, que acompanhamos as ações da personagem.

Trata-se, se podemos assim classificar, de uma comédia e de um drama; de uma peça de teatro e de um romance. Em princípio, tudo parece apontar muitas diferenças entre as personagens que pretendemos analisar, mas há também muitas aproximações. Certamente, entre os traços comuns mais relevantes destaca-se a experiência profunda da pobreza vivenciada como um obstáculo à realização das expectativas de vida boa. As barreiras trazidas pela pobreza produzem uma forma de sofrimento social, o qual é experienciado de formas distintas pelos personagens.

Fabiano, João Grilo e as formas de resistência

Vamos procurar focar, a partir desse ponto, nas situações que elucidam o modo insubordinado com que João Grilo lida com os poderosos da cidade – o padeiro e a esposa, que são seus patrões, o Major Antônio Moraes, um minerador rico e poderoso, e os religiosos que constam na peça, os quais vão do baixo ao alto clero, do sacristão ao bispo. Esse rol de personagens

configura uma metáfora social – caricaturizada para o efeito de comicidade da encenação – dentro da qual as ações de Chicó e João Grilo expõem seu funcionamento. Todos, exceto eles dois, agem conforme um amplo e difuso conjunto de expectativas morais que se configuram em regras socialmente aceitas; no entanto, ao protagonizarem a cena, não apenas se recusam a se subordinar a tais regras, como, cientes delas e se sabendo excluídos, põem a nu a hipocrisia que a estrutura.

Como são pobres, e portanto, estão na linha de baixo da hierarquia social, não têm poder sobre ninguém, ao passo que todos se sentem em condições de lhes dar ordens². Com trapanças e artimanhas, João Grilo, apoiado por seu amigo Chicó, se sai de todas elas, figurando não apenas como personagem principal, mas, em última instância – no julgamento final – atuando propriamente como herói de todos eles, pois graças aos seus argumentos junto à Compadecida, os livra a todos do inferno³.

É necessário, nesse ponto, evidenciar de que estrutura social se trata e de que modo João Grilo resiste em ocupar seu papel de oprimido. O argumento que ele usa para convencer o padre a abençoar a cachorra do patrão é inventando que o animal pertence ao major Antônio de Moraes. Como a paróquia e, simbolicamente, toda a sociedade, depende da benevolência do homem, o padre muda o discurso repulsivo e de recusa para o de cristão comovido, numa clara revelação de que o poder econômico do major suplanta o poder religioso da igreja, sendo inclusive capaz de modular a moral cristã de acordo com a conveniência.

Talvez aqui fosse possível retomar, ainda que sumariamente, um expediente clássico de interpretação da sociedade brasileira segundo o qual a instituição do favor consiste em uma “mediação quase universal” das relações entre as pessoas livres no Brasil, conforme expõe Schwarz em *Ao vencedor as batatas* (2000: 17): “O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais”, ou seja, estabelece uma relação de dependência e subalternidade que, no texto de Suassuna (1956), é cumprida pelo bispo, pelo padre, pelo padeiro. No entanto, essa estrutura de dominação não é aceita e tampouco reproduzida integralmente por João Grilo, que engana o major e leva o padre a ofender sua esposa. Ao invés de “praticar a dependência” ao representante do poder naquele momento, ele o engana. Se mesmo assim ele reafirma certo culto da “exceção à regra”, essa prática não reproduz “a cultura interessada” de subserviência aos poderosos, mas é um ato de resistência, uma espécie de último recurso político de sobrevivência praticado por um pobre desvalido. Vale notar aqui o quanto a

2 Na última parte da peça, quase todas as personagens, mortas pelo Cangaceiro, por um julgamento em que se decide se vão para o céu ou para o inferno. João Grilo atua, nesse plano, na função de advogado e, se não lhes consegue a salvação, ao menos os livra do inferno, conseguindo “as últimas cinco vagas no purgatório”.

3 Estamos aqui claramente entendendo que o personagem picaresco, no caso desta peça, não é sempre o perdedor. Se ele não tem nada a perder no plano material, no espiritual posto na peça, ele tem sua alma e fará de tudo para salvá-la. Além disso, o desfecho da peça inverte a ordem do que se espera de um anti-herói e revela um João Grilo muito menos disposto a negociar seus princípios próprios morais, ao contrário dos demais personagens.

disseminação da tese de que o patrimonialismo e as relações de compadrio, amplamente aceitas como um traço cultural brasileiro, não é algo que pode ser generalizado sem contestações⁴. João Grilo nos ajuda a entender isso na medida em que não assimila pacificamente sua condição de subordinado e oprimido e, mais que isso, ao invés de agir na sombra do poder do padre, do bispo ou do padeiro, ele se insurge armando uma teia de relações para a qual todos são atraídos e alimentados pela busca dos seus próprios interesses. Grilo lida com as esperanças e medos dos poderosos quase invertendo a ordem da dominação social, como se ele mesmo fosse o agente mais poderoso da narrativa. Mais que destacar a frágil eficácia da moral dominante que mobiliza os envolvidos, o que importa é perceber como as atitudes imaginadas e postas em prática pela personagem são formas de resistir à sua patente condição de sofrimento e carência produzida pela pobreza.

Voltando ao caso da cachorra, como ela morre antes da bênção, João Grilo muda de planos e inventa outra mentira. Dizendo que a cachorra era cristã e tinha um testamento, no qual deixara dez contos de réis para a igreja, convence o padre a realizar seu enterro com missa rezada em latim. Mais uma vez o padre negará, mas ao saber da existência de um também inventado testamento, mudará o discurso. A mentira inventada por João Grilo mostra o que, de fato, determina as ações dos clérigos: o poder trazido pelo dinheiro. Se antes era uma “besteira”, algo “ridículo” ou mesmo proibido pelo código canônico, após a revelação do testamento, a cachorra se torna merecedora inata das honras religiosas: “que animal inteligente, que sentimento nobre!”. Essa mesma sentença será proferida pelo sacristão, pelo padre e pelo bispo, todos citados no suposto testamento, cujo espólio João Grilo vai aumentando de acordo com a necessidade.

João Grilo é o pobre que não adere aos favores dos poderosos; a seu modo, ele sempre resiste. Por outro lado, é pelo favor que se pautam as relações entre o clero e os ricos donos da padaria. Quando João Grilo revela que o padre teria abençoado a cachorra de Antonio de Moraes, mas não a deles, a mulher do padeiro argumenta que seu marido é “presidente da Irmandade das Almas” e que, se o padre não abençoar a cachorra, o marido não só se demitirá do cargo como não enviará um só pão para a irmandade; acresce a isso que não contribuirá com as obras da igreja e confiscará a até mesmo a vaquinha, emprestada à igreja para fornecer leite. Todas essas justificativas terminam por convencer o padre de que é preciso enterrar a cachorra – nessa altura já morta sem ser abençoada – para que se faça cumprir o testamento do “nobre animal”. O que se nota, portanto, é uma marcante distinção entre o comportamento social de João Grilo e dos demais

4 A discussão pormenorizada acerca da maior ou menor atualidade das tendências teóricas que visam interpretar o Brasil extrapola, e muito, nossa intenção neste trabalho. Contudo, para uma maior compreensão crítica das teses que defendem, entre outros aspectos, a centralidade das relações de favor e de apropriação do público pelo privado como traços exclusivos da sociedade brasileira vale conferir: SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: Leya. 2015.

personagens ricos e/ou poderosos. Enquanto os últimos operam em função da satisfação de seus interesses via reprodução da cultura do favor, o primeiro, embora também busque a satisfação de seus próprios interesses, não apenas abdica do favor dos ricos como o faz, em grande medida, contra os ricos.

Após o enterro, o padre segue temendo a chegada do bispo, cuja entrada em cena é precedida pela informação de que se trata de “um grande administrador” ao qual nada escapa. É sintomática a resposta de João Grilo ao padre a esse respeito:

JOÃO GRILO: Ah, é um grande administrador? Então pode deixar tudo por minha conta, que eu garanto.

PADRE: Você garante?

JOÃO GRILO: Garanto. Eu teria medo se fosse o anterior, que era um santo homem. Só o jeito que ele tinha de olhar para a gente me fazia tirar o chapéu. Mas com esses grandes administradores eu me entendo que é uma beleza (Suassuna, 1956: 67).

Acontece que, quando o bispo chega, acaba revelando a trapaça anterior de João Grilo, que enganara o padre dizendo que a cachorra a ser abençoada seria a do major e não a do padeiro. Por essa razão, o padre briga com o Grilo, chamando-o de “amarelo safado”. No entanto, quando o bispo o ameaça de suspensão, imediatamente pede ajuda ao próprio João Grilo para livrá-lo do imbróglio. É aí que João, novamente trapaceando, engana o bispo, o qual, reproduzindo as palavras do padre e do sacristão, se iguala a eles no quesito avareza, interessado no testamento da cachorra: “É por isso que eu vivo dizendo que os animais também são criaturas de Deus. Que animal interessante! Que sentimento nobre!”

Embora vá salvando um aqui e outro ali, o propósito das trapaças de João Grilo não condiz com as expectativas de comportamento social alimentadas pela moral cristã: vingar-se do padeiro e de sua esposa é o que deseja. Enganar o padre, nesse contexto, serve apenas, segundo diz, para se divertir, mas é revelador de como, no plano terreno em que a peça se desenrola, não teme o poder das autoridades, sejam elas de que instâncias forem.

Já o romance de Graciliano Ramos (1938) toma uma outra direção em relação ao comportamento do personagem que aqui nos interessa. Ao contrário de João Grilo, Fabiano é um homem rígido, cujas responsabilidades lhe pesam sobre os ombros e lhe impedem de se arriscar diante daqueles que, na vida social, são hierarquicamente superiores. Por isso, trabalha duro, não se expõe, não se arrisca. O medo é o fundamento que rege suas ações: medo da seca, medo de ter que vagar mais uma vez mundo afora:

[...] Estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. [...]

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente (Ramos, 1938: 23).

O desejo de Fabiano era de educar os filhos, ter um lugar que fosse seu, não ter que mais uma vez fugir da seca. Isso talvez lhe conferisse a dignidade da qual sente falta. Não por acaso, nessa altura da narrativa, Fabiano se lembra de seu Tomás da bolandeira, um homem branco, instruído, educado, mas que se acabara também com a longa estiagem. Fabiano desejaria ser como aquele homem que dominava a linguagem, dizia palavras compridas, difíceis de serem imitadas, mas que lhe conferia respeito. Era um homem, e homem respeitado: era isso que Fabiano desejava ser.

Certamente aquela sabedoria inspirava respeito. Quando seu Tomás da bolandeira passava, amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se. E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos (Ramos, 1938: 22).

Ao contrário de seu Tomás, o novo patrão é um ser irascível, que acha “tudo ruim” nas raras vezes em que vai à fazenda. Mas quando vai, Fabiano ouve “as descomposturas” do proprietário “com o chapéu de couro debaixo do braço”, desculpa-se, promete corrigir os erros: Mas “mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?” (Ramos, 1938: 23). Apesar da desobediência mental e do desejo de resistir, Fabiano não toma atitude nenhuma sobre as afrontas recebidas e as considera como uma espécie de ordem natural das coisas: “Natural. descompunha porque podia descompor”.

No capítulo “Contas”, a relação com o patrão reaparece. A subserviência pautada na noção de que há uma estrutura social fixa, imutável, é retomada no acerto de contas que Fabiano faz com o patrão e sentenciada no dito “quem é do chão não se trepa”. Fabiano tem uma forte desconfiança de que o patrão lhe rouba, mas a diferença entre a soma de sinha Vitória e a do patrão é justificada pelos juro. Fabiano se sente injustiçado e por isso reclama, mas recebe, em resposta, uma ameaça de demissão - “achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda” - ante a qual é obrigado a recuar. Se sente lesado, roubado, mas recua, tem medo de se ver novamente lançado ao leo.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. [...] Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra (Ramos, 1938: 94-95).

A revolta manifesta de João Grilo e a revolta ou quase revolta de Fabiano, introspectiva, nem sequer verbalizada, expõem ao leitor nuances que permitem notar diferentes modos de reagir à situação de pobreza a que estão brutalmente submetidos. Trata-se de sujeitos que participam da vida social e, ao fim, não têm acesso aos bens que produzem. João Grilo é assistente do padeiro e Fabiano cuida da fazenda inteira; como resultado, no entanto, não têm o pão, não têm direito ao produto da fazenda. Mas não chegam sequer a perceber essa que parece ser uma questão distante da compreensão imediata dos dois. A mesma sociedade que os explora, os rebaixa à condição de “cabra”, à condição de “amarelo safado”. Embora Fabiano não tenha o comportamento insubmisso de João Grilo, isso não significa, é importante ressaltar, que o personagem de Graciliano Ramos aceite passivamente seu sofrimento e seu lugar de submissão na estrutura social marcadamente desigual que serve de pano de fundo para o romance. Fabiano está longe de ser um acomodado. Sua peregrinação pelo sertão é a forma que ele encontra de procurar recurso, de aliviar o sofrimento da família e o seu próprio. Atribuir a ele um lugar de passiva resignação e acomodação, embora seja um expediente comum quando se procura entender o comportamento social dos pobres, é uma forma de inverter a análise e responsabilizar o oprimido pela sua própria condição.

No que diz respeito à dramática situação de assimetria social, João Grilo deseja vingar-se dos padrões porque, quando esteve doente, foi maltratado, mesmo ignorado. Todas as trapaças imaginadas por ele se dão nesse sentido: “Três dias passei em cima de uma cama, tremendo de febre. Mandava pedir socorro a ela e a você e nada. Até o padre que mandei pedir para me confessar não mandaram. E isso depois de passar seis anos trabalhando naquela desgraça!” (Suassuna, 1956: 56). João Grilo trabalhava bem, fazia o melhor pão e, mesmo assim, não tinha reconhecimento pelo serviço nem bom salário. Sua revolta é, nesse ponto, muito semelhante à de Fabiano, certo de que o patrão lhe rouba, desejoso apenas de receber aquilo que julga ser merecido⁵.

O que distancia João Grilo de Fabiano, é que João Grilo resiste e expõe publicamente sua revolta em uma espécie de imaginação política guiada pelo desejo de se divertir ou pelo seu sentimento de injustiça, e nesse momento da peça, diz diretamente ao padeiro o que pensa. O padeiro, agindo de modo semelhante ao patrão de Fabiano, o despede. Mas a reação de João não é como a do vaqueiro. Além de rebaixar o padeiro a algo parecido com um bicho (“Sua diferença para bicho é muito pouca, padeiro”), João desdenha a demissão: “Você não bota [na rua] coisa

5 Analisando as relações de Brás Cubas com os pobres nas *Memórias Póstumas*, Schwarz (2000: 67) mostra que, desde o período escravista brasileiro, os trabalhadores pobres vivem sem reconhecimento social, sem paga material, sem compensação moral. Se não trabalham, são vadios e desclassificados; se trabalham, “só por muito favor serão pagos ou reconhecidos”. Tal é a situação das personagens pobres que aqui apresentamos.

nenhuma, porque eu já estou fora dela. Faz exatamente dez minutos que eu me considero demitido daquela porcaria” (Suassuna, 1956: 102).

Fabiano, como dissemos, também se revolta diante do seu próprio sentimento de injustiça sofrida no acerto de contas: “Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!” (Ramos, 1938: 94). Mas, ao ser ameaçado de demissão, engole a revolta, se rebaixa à condição de cabra, se recolhe, incapaz de qualquer reação, de exigir o que entende ser seu de direito.

Ora, se esse não é o propósito evidente dos textos, isto é, se não é a pobreza necessariamente o seu eixo central, pela leitura da estrutura social aí representada, podemos perceber modos diversos de reagir à experiência de pobreza e carência profunda que são socialmente impostas e frequentemente assimiladas como naturais. Ao menos dois comportamentos distintos podem ser observados diante desse cenário: o primeiro é a tentativa, ainda que sempre precária, de resistir à desigualdade não necessariamente via insubordinação francamente declarada, mas por meio da criação de expedientes no sentido de driblar o quanto possível as consequências da pobreza para, de um jeito ou de outro, sobreviver; o segundo pode ser visto como certa valorização do esforço individual, que tenta cumprir ferrenhamente o papel de submissão em um contexto social dramaticamente desigual. Isso, evidentemente, não elimina do comportamento de Fabiano a dimensão da resistência, mas restringe seu raio de atuação a um âmbito limitado por certa obediência à autoridade.

Embora João Grilo ponha a nu a hipocrisia da estrutura social em que vive e que o impede sistematicamente de acessar aquilo que ele mesmo ajuda a produzir, ele não chega a ter um juízo acerca do que seria necessário mudar para que sua condição fosse melhorada. Para usar um termo atribuído ao personagem na peça, todos se igualam a João porque são todos “safados”, com exceção do frade e do palhaço. Em sua tese sobre o protagonismo dos pobres no teatro brasileiro, Marina de Oliveira (2010: 33) lança mão da categorização feita por Darcy Ribeiro acerca da estrutura social brasileira para mostrar como está organizada a sociedade no *Auto da Compadecida*:

Os dois auxiliares de padeiro, sempre sem dinheiro e às voltas com pequenas mentiras direcionadas aos afortunados da cidade, pertencem, como é visível, à categoria dos oprimidos. Vê-se que as trapaças são uma forma de amenizar a situação de precariedade de ambos que, com um chefe avaro, recebem um salário que mal dá para comer.⁶

6 Ainda de acordo com a categorização, “Severino de Aracaju e seu capanga completam o quadro dos oprimidos” (Oliveira, 2010: 35). No entanto, por uma questão de economia da análise a que nos propomos, não nos deteremos na análise dessas duas personagens.

Ainda de acordo com a autora, os setores intermediários da sociedade são representados pelo padeiro e sua esposa, pequenos “profissionais liberais”, além do baixo clero – o sacristão, o padre e o frade. Já o bispo e o major Antonio de Moraes pertencem à classe dominante, este pelo poder econômico, o outro pelo poder religioso. Abaixo deles, e em alguma medida, submetido a eles, estão João Grilo e Chicó, que podem personificar as carências que marcam a situação de pobreza. Nesse sentido, de sua perspectiva, todos são mais ricos e poderosos que ele.

Assim, é circulando dentro dessa estrutura que as personagens agem. Todos reconhecem a autoridade do bispo, e mesmo o bispo reconhece a autoridade do major. A hierarquia social é determinada pelo poder econômico – veja-se que mesmo o padeiro exerce alguma influência sobre o padre, ameaçado de não receber mais pão e leite – domínios do padeiro. Se levarmos a caricatura ao pé da letra, mesmo a cachorra do padeiro exerce influência sobre o clero – incluindo aí o bispo – já que o dinheiro do testamento é suficiente para que as regras canônicas sejam magicamente modificadas, permitindo o enterro do animal como se fosse um cristão.

Antes de ter conhecimento do testamento da cachorra, o Bispo reage energicamente: “Se é proibido? Deve ser, porque é engraçado demais para não ser. É proibido! É mais do que proibido! Código Canônico, artigo 1627, parágrafo único, letra k. Padre, o senhor vai ser suspenso”. Após o conhecimento do suposto testamento, o discurso torna-se outro: “Não resta nenhuma dúvida, foi tudo legal, certo e permitido. Código Canônico, artigo 368, parágrafo terceiro, letra b” (Suassuna, 1956: 82).

Ante as ações de João Grilo, as personagens que com ele interagem o classificam de amarelo, safado, ladrão, trapaceiro, enganador. De fato, como vimos, João Grilo se utiliza de muitas trapaças e enganações para se livrar das “embrulhadas” nas quais se mete e de que tanto gosta.

Aqui destacamos dois pontos acerca desse julgamento sobre João Grilo: o comportamento das personagens que com ele interagem e os motivos que o levam a agir de tal modo. Todos no plano terreno da peça exigem do pobre um comportamento adequado. E qual seria ele? Talvez o comportamento de Fabiano, em *Vidas Secas* – calado, submisso, obediente à estrutura que o oprime, se colocando e mesmo, em alguma medida, aceitando o lugar de oprimido, como uma ordem natural das coisas, uma sina. Mas o que João Grilo percebe – e ele joga com isso – é que mesmo aqueles que lhe são superiores na ordem hierárquica, ou não agem de acordo com essa mesma ordem, ou a ordem é, na verdade, tão negociável quanto o código canônico citado pelo bispo. Por essa ótica, a todos podem ser atribuídos os predicados que só João Grilo recebe. Mas a nenhum é cobrado um comportamento rígido e condizente com as expectativas éticas socialmente hegemônicas, a não ser a João Grilo. Percebendo que, nessa estrutura, até mesmo os animais são

melhor tratados que ele, João Grilo age por trapanças e delas se utiliza como forma de sobreviver à opressão a que é submetido que se deve, em grande parte, à sua condição de pobre. Talvez não seja exagero afirmar que o que ele Grilo nota, e Fabiano não, é o caráter social da desigualdade, da submissão e da pobreza. Enquanto o primeiro se vale de sua imaginação para que as regras operem em seu favor, o segundo, mesmo a contragosto e com alguma resistência, tende a obedecer.

Embora sobreviva até mesmo à morte (João Grilo é morto pelo cangaceiro e recebe uma segunda chance de voltar à terra), sua atitude não prevê uma mudança radical da situação de pobreza em que vive. No entanto, como a peça é pautada numa moral cristã, quando tem a chance de ficar rico, abre mão dela em prol de sua crença e doa todo o dinheiro à igreja.

Voltemo-nos a Fabiano. Vimos que sua situação se assemelha em alguns aspectos a João Grilo, embora tenha também certas qualidades que salta aos olhos e que o distancia no comportamento cotidiano: “Atrapalhava-se, tinha imaginação fraca e não sabia mentir”. Ter imaginação fraca certamente é um dos traços mais relevantes que distancia Fabiano e Grilo. Apesar de ser João Grilo que tem características de pícaro, é Fabiano quem perambula pelo mundo, em busca de um lugar onde se fixar. João Grilo, como bem observa Marina de Oliveira, parece ser da cidade, fez catecismo com o padre e trabalha na padaria há seis anos. Mesmo assim, o Grilo se comporta mais como quem “não tem nada a perder” do que Fabiano. Este, “plantado em terra alheia”, é, na verdade, um vagabundo, já que tem por “sina” correr mundo. Claro está que o sentido de vagabundo em *Vidas secas* é bem outro em relação aos vagabundos João Grilo e Chicó. Se a errância é um traço comum entre eles, a ideia de subversão vai longe de Fabiano, só lhe ocorre uma única vez e não se concretiza.

As possibilidades de mudança aviltadas no *Vidas secas* partem mais do narrador que da personagem. A famosa estrutura do discurso indireto livre, tão comentada e comemorada no único romance em terceira pessoa escrito por Graciliano Ramos, é considerada a forma mais bem acabada de abordagem do outro sem ser o outro, num equilíbrio que torna possível ao intelectual não se passar pela voz do outro mas dar-lhe a voz⁷. Esse ponto de equilíbrio conseguido pelo escritor é que permite ao narrador deixar ver aquilo que muitas vezes a própria personagem não consegue perceber: “Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam”. Se em seguida a pergunta “Que fazer? Podia mudar a sorte?” pode ser a voz uníssona do narrador e da personagem, a subsequente - “se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia” - é muito mais provável que tenha partido apenas do narrador, que pode ver algo além do que Fabiano, que

7 Sobre a história da abordagem do outro na literatura brasileira, ver Bueno de Camargo, Luís Gonçalves. *Uma história do romance brasileiro de 30* [2001]. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

pensa: “Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também”. Aqui, a falta de esperança surge como outro traço que marca o comportamento de Fabiano – ainda que não de forma definitiva, como testemunha o último capítulo do romance – e que traz consequências que o distanciam de João Grilo.

Se pudesse mudar... Mas Fabiano não pode mudar. Quando seu sentimento de injustiça chega ao limite do insuportável, seu pensamento cede às distorções produzidas pela ideologia dominante, que atribui a responsabilidade do fracasso ao indivíduo. Assim, Fabiano atribui a si mesmo e à sua família a responsabilidade pela situação em que se encontra. Não percebe “a miserabilidade como consequência de uma organização da coletividade” (Oliveira, 2010: 09).

João Grilo, Fabiano e o soldado amarelo

No texto de Ariano Suassuna (1956), João Grilo é referido por várias personagens como um sujeito “amarelo”. O primeiro a fazê-lo é o padre João ao explicar para o bispo de quem se trata o tal moço que o enganou e o fez confundir a esposa do major com uma cachorra: “é um canalhinha amarelo” e, quando briga pelo mesmo motivo com João Grilo, afirma sentencioso: “você não passa de um amarelo muito safado”. Pelas referências anteriores à criação do João Grilo de Suassuna, encontradas no cordel e em outros contos populares, a caracterização de João Grilo como amarelo remonta provavelmente às suas origens e, definitivamente, não se trata de um elogio. Os capítulos “Cadeia” e “O soldado amarelo” em *Vidas secas* podem ajudar a elucidar a expressão, ao tempo em que permitem uma aproximação e um distanciamento entre João Grilo e o tal soldado.

O capítulo “Cadeia” trata de um episódio em que Fabiano se vê injustiçado pelo que seria a representação do “governo” no romance. É quando vai preso por um soldado amarelo. Ele estava na cidade a fim de comprar mantimentos para a família. Andava “receoso de ser enganado” e por isso não se decidia a realizar as compras. Enquanto não se resolvia, “um soldado amarelo” o convida a jogar baralho, mas o convite soa como ordem: “Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou [...] Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia” (Ramos, 1938: 28). Como não se dá bem no jogo, sai furioso da sala, mas é atalhado pelo soldado, que nitidamente procura confusão, desafiando-o para uma briga.

O amarelo soldado aqui se assemelha ao amarelo João Grilo: sujeito franzino, magricela, um “tico de gente” que seria vencido apenas “com uma pancada certa do chapéu de couro” de Fabiano. No entanto, Fabiano, retraído pelo ambiente inóspito, inibido pelo uniforme do soldado, recua e

apenas tenta pedir ao soldado que o deixe em paz. Mas, de tanto ser provocado, acaba xingando a mãe do soldado. “Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá” (Ramos, 1938: 30-31).

Preso, sem compreender de que o acusavam, zozzo de aguardente, Fabiano tenta colocar ordem nas ideias. Sempre entendera que as coisas eram assim e estava acostumado a “todas as violências, todas as injustiças”, tanto que consolava os que haviam passado pela mesma situação: “tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita”. Mas, uma vez encarcerado, não consegue ver o soldado amarelo como representante do governo e fica desorientado: “por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar” (Ramos, 1938: 33). Na busca por encontrar uma explicação, Fabiano mais se confunde e não consegue entender a razão pela qual ele fora parar na prisão. O soldado amarelo devia ser incapaz de encarar um cangaceiro - “tinha graça. Não dava um caldo”.

Um ano depois da prisão, Fabiano reencontra o soldado. Está no meio da caatinga, em busca de um animal que fugiu da fazenda, quando encontra, perdido no mato, o mesmo soldado amarelo que o prendera. Estão a sós, frente a frente. Fabiano tem um facão na mão. O cenário que se cria é totalmente propício para uma desforra. O primeiro impulso é de descer a arma sobre sua cabeça, o segundo é de completa retração:

[...] Baixou a arma. Aquilo durou um segundo. Menos: durou uma fração de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, com o quengo rachado. Como o impulso que moveu o braço de Fabiano foi muito forte, o gesto que ele fez teria sido bastante para um homicídio se outro impulso não lhe dirigisse o braço em sentido contrário. A lâmina parou de chofre, junto à cabeça do intruso, bem em cima do boné vermelho. A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade. Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para outro.

O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão. Tinha vontade mas os músculos afrouxavam. Realmente não quisera matar um cristão (Ramos, 1938: 101).

Ficam nisso um tempo indefinido. Fabiano não fala e avança sobre o homem, ameaçando-o com o facão e, depois, com as mãos, enquanto a cabeça ferve com a lembrança do que sofreu na cidade. Enquanto isso, o soldado, acuado, treme de medo. Como João Grilo, o soldado é amarelo porque medroso, covarde, fraco moral e fisicamente. Fabiano “imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro. Tinha graça. Não dava um caldo”. Mas o uniforme confere autoridade ao soldado e, mesmo naquele isolamento, o peso simbólico da farda é suficiente para impedir

qualquer ação de Fabiano contra ele. A raiva, o sofrimento e a revolta sucumbem à naturalização da obrigação da obediência.

Mas Fabiano, indeciso, começa a ver no amarelo mais do que ele é, maior e mais forte, por representar uma autoridade que ele nem sequer reconhece - “A idéia de ter sido insultado, preso, moído por uma criatura mofina era insuportável. Mirava-se naquela covardia, via-se mais lastimoso e miserável que o outro” (Ramos, 1938: 107). Enfim, percebendo que Fabiano se acanalhava, o soldado finalmente se desgruda do pé de catingueira onde se acuara:

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

_ Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo (Ramos, 1938: 107).

Dialética da pobreza

As trajetórias de João Grilo e Fabiano podem ser vistas sob o viés da luta pela sobrevivência em um ambiente social cercado pela pobreza por todos os lados. Coragem, revolta, sofrimento, esperança e medo são elementos que ajudam a construir os contornos das duas tramas. Entre aquilo que se pode depurar a partir dessa consideração estão as consequências que a pobreza pode produzir nos dois casos. Uma delas pode ser descrita na medida em que se compreende que a pobreza, para o próprio pobre, ganha ares de culpa e certa vergonha. Nesses casos o potencial de resistência é quase sempre superado pelo medo e pelo sentimento de ser obrigado a obedecer àquele que socialmente representa poder ou autoridade.

Essa é uma das consequências trágicas provocadas pela aceitação de uma espécie de ideologia da sociedade justa que pode ser pensada como modo de agir legitimado por um cálculo de indução por exceções. Isso significa que, nos limites quase sempre hiper-restritos⁸ que constituem o universo do pobre, os casos de “sucesso pessoal”, em geral corporificados nas posições de poder (o padre, o bispo, o comerciante, o soldado amarelo ou o dono da terra) que não passam de raros exemplos, tendem a se transformar, para uma parcela dos pobres, em legitimadores universais do esforço individual, escamoteando assim os exemplos, sempre muito mais comuns, de fracasso e

8 A respeito da dramática limitação dos horizontes de experiência de vida que caracteriza as famílias pobres, vale destacar o que Rego e Pinzani afirmam sobre a realidade da pobreza em território brasileiro: “A falta de contato com outras realidades que não aquela de seu núcleo familiar e do contexto social mais imediato [...] faz que as crianças das famílias pobres não consigam nem sequer imaginar que outra vida é possível, que um dia poderão sair do próprio ambiente ou modificá-lo profundamente” (REGO, Walquiria Leão; PINZANI, Alessandro, 2013: 178-179). Esse exemplo trazido pelos autores ajuda a ilustrar, a partir de uma perspectiva retirada da análise da sociedade brasileira, o caráter de atrofia e embotamento dos horizontes produzido pela experiência da pobreza.

sofrimento que são abundantemente observados e experienciados nos ambientes de pobreza. Tudo se passa como se o esforço e a obediência de cada sujeito fossem capazes de superar sua “má sorte” e os obstáculos trazidos pela desigualdade. Desse modo, a exceção deixa de ser um exemplo que denuncia a fragilidade da ideologia da sociedade justa e passa, ao contrário, a ser uma exceção que legitima, na medida em que escamoteia, a existência de toda sorte de obstáculos que produz, sistematicamente, experiência de sofrimento e frustração de expectativas individuais. Por isso é preciso respeitar e obedecer o soldado amarelo, ainda que persista o desejo de vingança. Embora o soldado seja uma exceção, autoridade, ele é exemplo de pessoa bem sucedida em meio à pobreza que se vê por todos os lados. A exceção, nesse caso, não opera como um exemplo crítico que denuncia uma forma social em que poucos podem ter um trabalho, uma casa e o que comer. Ela não funciona como indicação da dimensão geradora de sofrimento causada pela forma social vigente, mas ao contrário, passa a ser um elemento apologético dos seus valores mais centrais como, por exemplo, o respeito à autoridade, a crença no esforço individual e a obediência. Se um conjunto ínfimo de pessoas foi capaz de furar o bloqueio da pobreza e da dramática falta de acesso àquilo que foi socialmente construído (mais uma vez os exemplos são o padre, o bispo, o comerciante, o soldado e o dono das terras), isso significa, na lógica da indução por exceções, que todos podem alcançar o mesmo feito. Constrói-se assim um ciclo em que o pobre torna-se defensor e, em grande parte, promotor de uma ideologia que, na quase totalidade dos casos, não apenas lhe traz dor e sofrimento como contribui em grande medida para manutenção de sua condição de pobreza.

Em certa medida há uma dificuldade do pobre em compreender o caráter social da própria condição, talvez esse seja o caso de Fabiano. Ele tem um sentimento de revolta que produz uma vontade de resistir à sua trágica posição social, mas o impulso pela obediência tem por detrás a força da autoridade representada pelo soldado amarelo. O pobre tem dificuldades de publicizar sua própria condição não exclusivamente porque lhe falte a consciência dela, mas porque aquilo que é produto de um arranjo social é visto por ele, graças à aceitação do que se tem chamado aqui de ideologia da sociedade justa, como fracasso, do qual só ele é responsável⁹.

Contudo, essa dimensão apologética é apenas um dos momentos que podem ser percebidos como consequência da experiência da pobreza. Se a aceitação da ideologia da sociedade justa é um traço marcante em grande parte dos pobres, há ainda outro momento, isto é, existem também aqueles em quem a experiência da pobreza produz um desejo de superação da carência e do medo de realizar suas expectativas. Aqui reside o que pode ser entendido como uma *dimensão crítica da*

9 Apesar de esse ser o quadro predominante da vida de Fabiano em *Vidas secas*, o último capítulo dá mostras de como a sua imaginação, estimulada por um diálogo com sinha Vitória, aponta para um futuro distante em que o medo e a obediência não sejam os elementos centrais de suas vidas e, sobretudo, que os filhos tenham uma existência diferente da sua, desnaturalizando a sua própria condição.

pobreza, que pode se manifestar de várias formas, inclusive através da resistência a obedecer àqueles que representam posições de poder. Talvez esse seja o caso de João Grilo.

Esperto, rápido, imaginativo e insubmisso, ele resiste ao que parece ser impossível resistir: o poder do céu (padre e bispo) e da terra (padeiro e soldado amarelo). Ao invés de trocar favores com os poderosos, ele os confunde e ludibria. Para sobreviver como alguém que experiencia a pobreza e a opressão social que dela deriva, ele resiste a entregar-se aos caprichos e vontades dos que têm poder e autoridade. Não aceita a subordinação, controla seu próprio medo e engenhosamente manuseia os interesses, medos e esperanças dos poderosos, em grande medida, em seu próprio proveito. Com isso ele dá testemunho de que, em meio à pobreza e ao sofrimento, sempre pode brotar a revolta e a resistência à opressão. Assim, se a pobreza pode gerar medo e obediência, ela também pode produzir exemplos de revolta, resistência e esperança. E um dos elementos centrais que corroboram para a segunda alternativa é a imaginação.

Considerações finais

O que pretendemos destacar nesta análise de *Vidas secas* e do *Auto da Compadecida* foi o quanto a experiência da pobreza e do sofrimento que lhe é inerente, por mais dramática e profunda que possa ser, não é capaz de ofuscar completamente a ação que procura resistir aos males que ela traz. Essa resistência, ela mesma, tem limitações, titubeia, mas Fabiano tem raiva, sentimento de injustiça e lembra-se da falseta armada pelo soldado amarelo. Ele obedece, é verdade, mas não é passivo nem se acomoda. Tem família, sinha Vitória, os filhos. O medo de perdê-los está sempre no horizonte, por isso a atitude prudente é a obediência, embora com muita comiseração e lástima. João Grilo também é pobre e sofre com as consequências da pobreza, mas sua astúcia e suas artimanhas fazem que o medo dê lugar à esperança. Sua imaginação é companheira inseparável. Tudo bem medido e bem pesado resulta em um conjunto de atitudes que o ajuda a resistir à opressão e alimenta a expectativa de que algum futuro melhor possa brotar da desigualdade que o cerca.

“A inteligência é uma categoria moral”, diz Adorno (2008: 193) e ele certamente não discordaria se acrescentássemos que ela é também “estética”. Uma das poucas vezes em que oferece indícios de como seria uma “sociedade emancipada”, o autor alemão afirma que seria aquela em que “ninguém passe fome” (Adorno, 2008: 153). Contudo, para realizar essa tarefa, é preciso dois movimentos: primeiro uma imersão nas particularidades do objeto investigado; segundo, a capacidade de imaginar as potencialidades presentes na experiência com intuito de pensar futuros possíveis em que a sociedade, enquanto produção humana, seja capaz de emancipar-se da

desigualdade, da coerção e da pobreza. Não rebaixar nossa capacidade de imaginação é uma forma de caminhar na direção de uma sociedade emancipada. A pobreza mutila as possibilidades de experiência moral e estética, e isso não pode ser abafado em nome de um realismo pragmático. As personagens analisadas neste texto são testemunhas disso, mesmo sem dizê-lo claramente. Uma reflexão sobre a pobreza não pode negligenciar esse aspecto sob pena de tornar-se não reflexiva e, com isso, diminuir sua própria capacidade de examinar criticamente as formas hegemônicas de dominação social. Fabiano é pobre e tem imaginação, mas o medo e a obediência a sufoca. João Grilo é pobre e vive da imaginação, por isso resiste, insubordina-se e tem esperança.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T., [2008]. *Minima moralia: reflexões a partir da vida lesada*, trad. Gabriel Cohn, Rio de Janeiro, Beco do Azougue.

BUENO DE CAMARGO, L., [2001]. *Uma história do romance brasileiro de 30*. Tese (doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

LEÃO REGO, W.; PINZANI, A., [2013]. *Vozes do Bolsa Família*. Autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo, Editora UNESP.

LÖWY, M., [2005]. *Franz Kafka: sonhador insubmisso*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial.

RAMOS, G., [1938]. *Vidas secas*, 118 ed. 2012, Rio de Janeiro, Editora Record.

SCHWARZ, R., [2000]. *Ao vencedor as batatas*, 5 ed, São Paulo, Duas Cidades, Ed. 34, Coleção Espírito Crítico.

SCHWARZ, R., [2000]. *Um mestre na periferia do capitalismo*, 5 ed, São Paulo, Duas Cidades, Ed. 34, Coleção Espírito Crítico.

SOUZA, J. [2015]. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*, São Paulo, Leya.

SUASSUNA, A., [1956; 2004]. *Auto da Compadecida*, Rio de Janeiro, Agir.

TOPA, F., [1995]. História de João Grilo: do conto popular português ao cordel brasileiro. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*. Porto, XII, p. 245-274.